

FOQUINO, E TAMIRA:

POESIAS

DE

JOAQUIM JOSÉ LISBOA,

PASTOR DO SERRO.

F O L H E T O L

João José



LISBOA. M. DCCCII.

NA OF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.

Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.

BOQUINO, E TAMARA,

POESIAS

II

JOAQUIM JOSÉ LISBOA,

RASTOR DO SERRA.

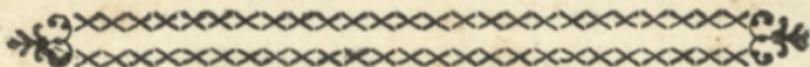
Volume I.



LISBOA, M. DCCCII.

Na Off. de Simão Theodoro Ferreira.

Com licença da Mesa do Desembargo do Paço.



SONETO.

ENtre horriveis procellas navegava
 Joquino a Lusitania demandando,
 Esbravecido o mar o Ceo tocando
 Sobre as ondas a morte lhe offertava :

Amor, Amor, o mísero exclamava,
 As levantadas rochas affrontando,
 E por Tamira bella suspirando,
 A' morte mais, e mais se avisinhava :

Eis-que do undoso pélago no centro
 Despontá Amor, qual nunca o triste víra,
 E lhe diz : „ O teu pranto em mim concentro :

„ Salvo-te o coração que afflicto expira,
 „ E sabes tu porque? Porque traz dentro
 „ A imagem da bellissima Tamira.

SONETO.

T Amira tem cabellos ondeados,
 Olhos pretos, e grandes, boca breve,
 Os labios de coral, dentes de neve,
 O corpo esbelto, os passos delicados:

Isto junto aos ternissimos agrados,
 Com que falla de amor, de amor escreve,
 Faz suspirar huma Alma, que não deve
 Sujeitar-se jámais a vãos cuidados:

Tu, Silvano, mil vezes tens proposto
 Entre as Pastoras ser Anarda aquella,
 Que he de todos na Aldêa o mimo, e gosto.

Não duvido, Pastor, das graças della,
 Mas da minha Tamira observa o rosto,
 E verás que Tamira inda he mais bella.

SONETO.

CANÇÃO.

NHum bosque espesso, e triste, onde rompia
 A custo o Sol, que a Terra incendiava,
 Entregue a mil cuidados vagueava,
 E curvado ao meu mal adormecia:

Tamira em sonhos claramente via,
 Que junto ao meu Rival de amor tratava;
 Voraz ciume o peito me abafava,
 E soffocado o coração gemia:

Em lagrimas desfeito, aos ais bramindo;
 Exclamo: Não são, falsa, estes prazeres,
 Os que mereço por te andar servindo?

Assim como com zelos tu me feres...
 Eis-que Amor me desperta, e me diz, rindo:
 „ Tamira não te he falsa. Que mais queres?

S O N E T O

Não hum boque espesso, e triste, onde fofpiss
A custo o Sol, que a Terra incendia
Ranque a mil cuidados vagava
E curvado ao meu mal adormecia;

Tamta em sonhos claramente vis
Que junto ao meu Rival de amor trazava;
Vozs crime o peito me espalava,
E soffocado o coração gemia;

Em lagrimas desleio, aos ais plorando
Exclamo: Não são, talas, estes prazeres
Os que meço por te andar servindo?

Assim como com zozos tu me fazes
Eis que Amor me despera, e me diz: vindo;
Tamta não te he talas. Que mais duces?

CANÇÃO.

Ninguem, minha Tamira, saber póde
Qual seja o seu Destino:
Toda a nossa existencia está pendendo
Do Arbitro Divino.

Mil vezes o Cultor na arada terra
Os fructos vê morrer;
Apascenta o Pastor a mansa ovelha,
Que o lobo ha de comer.

Amanhecem cantando o Pintasilgo,
O alegre Rouxinol,
Qualquer delles está sujeito ao laço
Antes de pôr-se o Sol.

A innocente Pombinha, ao par contente,
Expressa o ingenuo amor;
A curto espaço são despojo triste
Do destro Caçador.

Recebidos os males como males,
 Expira a paciência:
 Já não succede, assim se os contemplamos
 Por dons da Providencia.

Eu nem resisto, nem a sorte temo,
 Seja esta boa, ou má;
 Dentro em meu coração, bem por meu gosto,
 Adoro quem ma dá.

IDYLLIO.

EU, Tamira, não sou nenhum Pastor,
 Que desmereça a tua qualidade,
 Se me não tens amor,
 Ao menos deixa tanta crueldade,
 Contra quem não te offende,
 Modera as iras, o rigor suspende.

Não sou Serrano de abundantes prendas,
 Nem apascento numeroso gado,
 Nas pastoris contendias,
 Não sou destro no jogo do cajado;
 E a fruta quando afino,
 Não formo como Orfêo ecco Divino.

Não tenho como alguns grandes colmêas,
 Nem faz o gado meu alto tropel,
 Porém dessas Aldêas,
 Aonde sobra o leite, a uva, o mel,
 Não me consome a inveja,
 Porque o pouco que tenho me sobeja.

São quatro ovelhas mansas o meu gado,
 Tenho também formosos dois carneiros,
 Hum novilho malhado,
 A quem servem de guarda os meus rafeiros:
 Huma vacca vermelha,
 Que d'outra que morreo era parelha.

Rustica palha cobre esta cabana,
 Onde sósinho por meu gosto assisto,
 Passo alegre a semana,
 Da propria lá do gado meu me visto;
 Mas nesta brenha bruta
 Também ha mel, ha pão, ha queijo, ha fruta.

Bem conheço, Tamira, que isto he pouco,
 Porém meu coração que tanto val,
 Além deste amor louco,
 Urgente causa do meu triste mal.
 Sera obsequio digno,
 Se este teu genio se tornar benigno.

A's vezes sem que tu sejas presente,
 Porque a saudade o peito meu maltrata,
 Afflicto, descontente,
 Chamando-te comigo mesmo ingrata,
 Já depois de chorar
 Ao pé da fonte, assim entro o cantar.

Tamira formosa,
 Teu genio ferino
 Ao triste Joquino
 Pertende matar.

Se a quem te idolatra
 Tal animo tens,
 Que só com desdens
 Lhe sabes pagar.

A quem te não ama,
 Quem te faz offensas,
 Com que recompensas,
 Has de premiar?

Bem sei que os teus dons,
 Teu feliz amor,
 Humilde Pastor
 Não deve alcançar?

Porém se os meus votos
 Te forão acceitos,
 Os pobres defeitos
 Deves perdoar.

CANTATA.

QUando na verde campina
 A Primavera dá flores,
 Vão brincar ternos Pastores,
 Junto á fonte crystallina:
 Aqui colhem a bonina,
 Alli o amarantho, a rosa,
 E a companhia ditosa
 Não se farta de brincar;
 Só tu Annalia cruel,
 Queres que eu ande a chorar.

O singello Passarinho
 Do Sol a vinda annuncia,
 E de prazer, e alegria,
 D'hum salta a outro raminho:
 O malhado cordeirinho
 Para a Mãe vai já correndo,
 O Pastor se vai erguendo,
 E ao seu modo entra a cantar;
 Só tu, Annalia cruel,
 Queres que eu ande a chorar.

O boi ao jugo pezado
 Inclina o duro pescoço,
 E o valente, e agil moço
 Vai já preparando o arado:
 O Serrano o manso gado
 Para o monte vai guiando,
 A frauta de vez em quando
 Pelo bosque entra a tocar;
 Só tu, Annalia cruel,
 Queres que eu ande a chorar.

Contente no prado ameno
 Anda brincando a Serrana,
 Lá sahe da sua cabana
 Por vèlla o moço Fileno:
 Sentados no secco feno
 Praticão de seus amores,
 Depois c'os mais guardadores,
 Se põe no campo a brincar;
 Só tu, Annalia cruel,
 Queres que eu ande a chorar.

No dia de baile, ou festa,
 C'os pastoris instrumentos,
 Fazem seus divertimentos
 Pela vizinha floresta;
 De tarde, depois da sesta,
 Vão as saborosas frutas;
 Dão carreiras, jogão lutas,
 E alegres vão descancar;
 Só tu, Annalia cruel,
 Queres que eu ande a chorar.

No monte a ovelha balando,
 Seu écco triste parece,
 Mas delle bem se conhece,
 Que ao filhinho está chamando :
 A gallinha esgravatando
 Chama os pintinhos tambem ;
 Dentro das azas os tem ,
 Só pelos não maltratar ,
 E tu , Annalia cruel ,
 Queres que eu ande a chorar.

Os mesmos peixes criados ,
 Por dentro d'agoa e os limos ,
 Tambem sabem fazer mimos ,
 Praticão ternos agrados :
 Humas vezes encostados
 Andão passeando em cardume ,
 E outras já por costume ,
 Vem á flôr d'agoa brincar ;
 Só tu , Annalia cruel ,
 Queres que eu ande a chorar.

A Avezinha , has de erer ,
 Que pelo amor do filhinho ,
 Lhe ensina a abrit o biquinho ,
 Para lhe dar de comer :
 De instante a instante o vai ver ,
 Porque he todo o seu objecto ,
 Olha o que póde o affecto
 De quem sabe amar ;
 Só tu , Annalia cruel ,
 Queres que eu ande a chorar.

QUINTILHAS.

NO centro d'hum campo
 De relva mimosa,
 Grisolita bruta,
 Formava espaçosa,
 Selvatica gruta.

Inteiros rubins
 Columnas formavão,
 E erão as Pyras,
 Que alli se observavão,
 De ricas safiras.

Alampadas d'oiro,
 Na gruta se vião,
 Formando conchinhas;
 E se guarnecião,
 Com agoas marinhas.

Com igneos topazios
 As tarjas se adornão,
 E luzes brilhantes
 Do mais alto entornão,
 Quadrados diamantes.

Cimalhas preciosas

Fazião mil vistas,
 E alli recamadas,
 Subtis amatistas,
 Estavão gravadas,

Em vulto se via,
 Em fino alabastro,
 A copia mais pura;
 Dezenho d'hum Astro,
 D'hum Nume figura.

Brilhavão seus olhos,
 De neve era o rosto,
 E as faces de rosas:
 Que misto composto
 De coisas mimosas!

Rendido a si mesmo
 Na gruta habitava
 O Nume fatal,
 Que a copia adorava
 Pelo original.

Alli se queimavão
 Incensos cheirosos,
 Que Venus trazia
 A rogos piedosos,
 Que Amor lhe fazia.

E inda que a Deosa
 Zelosa vivia,
 Porque mesmo a ella
 A copia excedia,
 Por linda, por bella.

Com tudo, do Filho
 Desculpa os insultos,
 E não se enfurece,
 Por ver que mais cultos
 A copia merece.

Hum dia pascendo
 O meu pouco gado,
 A' gruta cheguei,
 Aonde o Vendado
 Menino encontrei.

Surprezo de susto,
 Em vão me fatigo,
 E gelo por fim,
 Por ver o inimigo
 Diante de mim.

Com gesto submisso
 Prostrado no Templo,
 A copia que via,
 Mostrei por exemplo,
 Que cultos rendia.

Gemendo em segredo ,
 O meu triste rosto
 Com pranto banhei ;
 E em tom de desgosto
 Assim lhe fallei .

Tu , Venus formosa !
 Mas eis-que Amor diz :
 „ Espera , Mortal ,
 „ Que he copia feliz
 „ D'outro original .

„ Não vês que prostrado ,
 „ Eu mesmo lhe rendo
 „ Fiel oblação ,
 „ Estragos temendo
 „ No meu coração !

„ Não vês que deponho
 „ Cadêas , aljava ;
 „ E os duros farpões
 „ Com que costumava
 „ Ferir corações ?

„ Não he essa Effigie
 „ Que admiras tão bella
 „ Da Deosa do Idalia ;
 „ Melhor do que o della
 „ He o rosto de Amalia .

„ Desde hoje és feliz ,
 „ E podes ser mais ,
 „ Por mim dirigido :
 „ Termina os teus ais
 „ A mão de Cupido.

Apenas o disse
 Com gesto contente ,
 As azas bateo ;
 E rápidamente
 Desappareceo.

Por ti , bella Amalia ,
 O Nume ferino
 Obsequios me faz :
 Teu rosto Divino
 He rosto de paz.

Desde hoje protesto ,
 Prostrado a teus pés ,
 Fiel gratidão ;
 Senhora já és
 Do meu coração.

Meus votos acceita ,
 Pois são producções
 De simples Amor :
 Singellas tenções
 De humilde Pastor.

Annalia, já que tão bella
 O Ceo te fez, por seu gosto,
 Não deves hum lindo rosto,
 A quem te adora, occultar.

Muito antes de estar contigo,
 Te vi com indiferença,
 Porque de longe a presença
 Não se póde examinar.

Mas teu composto observando,
 Tantas graças nelle vi,
 Que o coração meu senti
 Com excesso palpitar.

Entre amantes e esperanças
 Te disse Adeos com asanos,
 Porque o Nume dos enganos,
 Isto me andava a ensinar.

Esse menino travesso,
 Esse rapaz malfeitor,
 Esse vendado, esse Amor,
 Que a todos faz suspirar.

Esse, que em meu peito accende
 A chamma, que me devora,
 Talvez que te ensine agora,
 Que me debes desprezar.

Mas se o teu genio pedir,
 Que correspondas amante
 Ao genio meu, que constante
 Protesta de te adorar.

Torna alegre hum desditoso,
 Que assim vive descontente,
 Pois hum Amor innocente
 Deve outro assim compensar.

Tu não vês como a Pombinha,
 Cheia de excesso amoroso,
 Ao Pombo seu caro esposo
 Beija depois de o catar?

Não vês, que assim que ella vôa,
 Se elle rolava, se cala,
 E indo já procuralla,
 Junto a ella vai pousar?

Não vês como estes esposos
 Cuidão no tenro filhinho,
 Que hum, ou outro está no ninho,
 Para o não desamparar?

Não vês como diligentes
 Lhe trazem o arroz, o milho,
 E pondo-o no bico ao filho,
 Outro grão vão procurar?

Olha que ternos amantes,
 Olha que sábias lições,
 Para instruir eorações,
 Que inda não sabem amar.

Tu não vês, que a Féra brava,
 Se a outra Féra se inclina,
 Logo que amor a domina,
 Se deixa pacificar?

O Leão, o Tigre, o Lobo,
 Postos em ferrea prizão,
 Cruel desesperação
 Os faz com furia raivar.

Se da mesma Natureza
 Outra Féra alli lhe chegão,
 Pouco, e pouco se socegão,
 Hum a outro entra a affagar.

Sabes porque a verde era,
 Que debil, e humilde nasce,
 Se arrima ao tronco, e na face
 Se vai com elle enlaçar!

Porque mutuamente se amão,
 E o Amor, que os auxilia,
 Não póde esta simpatia,
 Por mais que queira, occultar.

Os mesmos verdes arbustos,
 Tecendo amorosos laços,
 Dão reciprocos abraços,
 E assim se deixão ficar.

Annalia, tudo o que vive
 Sente esta amorosa chamma,
 Tudo adora, tudo ama,
 Ninguem lhe póde escapar.

*Embalou-me o infausto berço
A negra melancolia.*

COLCHEA.

POr votos d'hum adverso !
Destino , que o mal me augura ,
Mão cruel da desventura ,
Embalou-me o infausto berço :
Nume Senistro , e perverso
Damno fatal me annuncia ;
E porque a tristeza impia
O Triunfo segurasse ,
Mandou que me acompanhasse
A negra melancolia.

*Tres vezes tentou ferir-me
Amor, tres vezes tremeu,
Temendo que lhe escapasse
Hum coração, como o meu,*

COLCHEAS.

AO seu poder succumbir-me
Quiz Amor, e erguendo a mão,
Por nova industria á traição
Tres vezes tentou ferir-me:
Pude vêllo, e prevenir-me,
Então mais se enfureceo,
Raivoso o arco bateo,
Cujó estrago derimi;
Tres vezes lhe resisti,
Amor tres vezes tremeu.

De pejo córou a face,
E contra minha alma forte;
Quiz combater d'outra sorte,
Temendo que lhe escapasse:
Antes que a acção intentasse,
Previ o desígnio seu:
Guarda, então lhe disse eu,
As armas, que em vão sacodes;
Porque tu vencer não podes
Hum coração, como o meu.

*Vinguei-me , matei Cupido ,
 Seu corpo ás Feras lancei ,
 Suas Armas , Templo , Altares
 Destruí , desfiz , queimei.*

G L O S A .

E Sse falso Deos , que a paz
 Tira aos míseros viventes ,
 Passou do Estigio as correntes .
 Nos Elysios campos jaz :
 Já nenhum damno nos faz ,
 O Vendado fementido ;
 Eu mais que alguém offendido ,
 Por hum novo estranho modo ,
 Libertando o Mundo todo ,
Vinguei-me , matei Cupido.

Entre as brenhas d'hum deserto
 Soube que andava escondido ,
 Corro a elle , e enfurecido ,
 Nos fortes braços o aperto :
 D'hum mortal suor coberto
 O rosto lhe divisei ,
 De novo esforço o apertei ,
 Gemeo , morreo-me nos braços ;
 Logo alli mesmo em pedaços
Seu corpo ás Feras lancei.

A Mãi, que do filho a morte
 He natural que sentisse,
 E muito mais se affligisse,
 Tendo tão funesta sorte;
 Co' mais rápido transporte,
 Vôa aos Ceos fendendo os ares;
 E a Jove com mil pezares
 Roga seja eu castigado,
 Por não haver respeitado
Suas Armas, Templo, Altares.

Offendido eu desta acção
 Já para o Altar corria,
 Onde a amante idolatria
 Lhe tributa adoração:
 Com a minha propria mão
 As cimalthas arranquei,
 Suas Estatuas quebrei,
 Puz-lhe fogo dentro, e fóra;
 E o Templo em menos d'hum hora
Destruí, desfiz, queimei.

O D E.

O Mar lutando co' seu mesmo corpo,
 Ruidosos uivos no Universo espalha,
 Sóbe empolado aos Ceos, desce aos Infernos;
 E deixa tudo tímido.

De opacas sombras todo o ar se tolda;
 Assim se torna o húmido Elemento
 O susto inopinado, o horror, o espanto,
 Se une á tristeza lívida,

Hum desabrido inexoravel Noto,
 Silvando os ares move as ondas bravas,
 Tudo em desordem sem governo gyra
 Por entre o vento rispido.

Rotas as vélas, destroçado o leme,
 Quasi quebradas as insarcias todas,
 Não atina, nem sabe o que manobre
 O Artifice Maritimo.

Prenhes os Mares de inimigas Furias,
 Brotão fecundas barbaras procellas,
 E aos Navegantes proximo se apressa
 O movediço Tumulo.

Abre esfaimado as lutulentas fauces,
 Para engolir os míseros humanos,
 Aqui nem lhe escapára Ulysses destro,
 Nem o Troiano Prófugo.

O damno irreparavel se avisinha,
 E o Estridor das vagas tudo assombra,
 Já no semblante macerado, e triste
 Estão as faces húmidas.

Eis-que todos erguendo as mãos, e os olhos
 Aos Ceos sentidas súplicas envião,
 Sacro-Santa Maria Virgem pura,
 Por nós roga ao Altissimo.

Mái de misericordia, ouve benigna
 Os Filhos teus, que em mísero conflictio
 Teu Nome Augusto invocáo, e por elle
 Esperáo feliz exito.

Com submissão apenas se derramão
 Afflictas vozes sibilando os ares
 O Sol nos apparece, o Noto foge,
 E o Mar se torna plácido.

Só tu, vergontea de Jessé bemdito,
 Carça incombusta, Divinal Maria,
 Salvar podias d'entre o Mar iroso
 Os navegantes pávidos.

Se prosperos Favonios brandamente
 A's desejadas praias me levarem,
 Irei de Nazareth ao Templo Sacro,
 Bem que pezado, e trémulo.

Eu nelle farei ver o Mar n'hum quadro,
 Subjugado ao Teu Mando, Augusta Virgem;
 Deos te salve, ó Maria, por quem hoje
 Assás respiro incolume.

F I M.